



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **Corpo, profissionais do sexo e indústria cultural: implicações econômico-sexuais no mundo luso-afro-brasileiro**

Christian Muleka Mwewa  
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado  
Universidade do sul de Santa Catarina  
Grupo de Estudos Educação, Cultura e Sociedade (UNISUL/CNPq)  
Grupo de Estudos Política e Gestão da Educação (UNISUL/CNPq)  
Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea  
(UFSC/CNPq)

Beatriz Souza Salvador  
Universidade do sul de Santa Catarina

**GRUPO DE TRABALHO - GT 46 - Prostituição e trocas econômico-sexuais no mundo luso-afro-brasileiro**

### **Introdução**

Neste artigo procuramos analisar entrevistas das 'histórias vividas' pelas profissionais de sexo da cidade de Imbituba, Santa Catarina. Tais entrevistas foram realizadas durante o estágio realizado em 2009. Por meio de alguns fatos das histórias de vida das profissionais do sexo da cidade de Imbituba-SC, buscamos compreender e analisar, mediante um recorte de gênero, a relação entre sexo e indústria cultural. Esta relação é motivada pelos seguintes questionamentos: que mulheres existem atrás da denominação profissionais do sexo? Quais são as suas histórias e que realidade elas enfrentam? A pesquisa é baseada em entrevistas semiestruturadas que buscavam saber sobre o histórico da vida de cada uma das entrevistadas. Segundo o antropólogo Gilberto Velho, no seu prefácio ao livro *Nas redes do sexo*, da colombiana María Díaz-Benítez (2010, p. 9-10)<sup>1</sup>, "há cerca de 30 anos, começou a ser divulgada a produção sobre desvio do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, através do livro *Desvio e divergência*." Para Gilberto Velho, ainda no prefácio, "se, de um lado, [a problemática] despertou grande interesse, [...] por outro,

---

<sup>1</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 9-10.



foi atacada por alguns profissionais de certa nomeada que consideravam o estudo de ‘putas’ e ‘veados’ assuntos impróprio para a antropologia”.

É nesta celeuma que localizamos a nossa questão central, qual seja, saber qual o percurso traçado, qual a representação de realizações em suas vidas e o que as levou a atuarem como profissionais do sexo. A esta profissão, a feminista Gayle Rubin, segundo María Díaz-Benítez (2010, p. 19)<sup>2</sup>, se refere como trabalhadores do sexo por atuarem em “espaços de sexualidades ‘baixas’ ou periféricas”. Entrevistamos somente as mulheres entre 18 anos e 35 anos de idade que atuavam há mais de dois meses na profissão; que se autodenominavam profissionais; e que tinham renda mensal oriunda dessa profissão.

### **Indústria cultural e as profissionais do sexo**

Segundo Christian M. Mwewa e Alexandre F. Vaz (2003)<sup>3</sup>, o conceito de indústria cultural é muitas vezes criticado como sendo elitista ou excessivamente pessimista, mas é justamente contra esses adjetivos que ele se volta: trata-se de resistir a qualquer forma de reificação (ADORNO, 2001)<sup>4</sup> e de garantir a necessária distinção entre arte e mercadoria, neste caso, entre trabalho, satisfação e prazer. Ou seja, entre a motivação e o ato em si. Portanto, a *arte* de fazer sexo torna-se algo (produto) capaz de trazer lucros (mercadoria enquanto representação social). Esta, por sua vez, serve de motivação para as suas praticantes que veiculam tal produto<sup>5</sup>.

Nataly<sup>6</sup> não encara sua profissão como algo importante. “Para mim, a minha profissão não é importante, pois estamos vendendo o nosso corpo, por causa de dinheiro”. (Entrevista).

A expressão *indústria cultural* foi empregada pela primeira vez por Adorno e Horkheimer, em 1947<sup>7</sup>. Os referidos autores tratavam da *cultura de massas*, termo

---

<sup>2</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 19.

<sup>3</sup> MWEWA e VAZ, 2003.

<sup>4</sup> ADORNO, 2001.

<sup>5</sup> Segundo María Díaz-Benítez (2010, p. 17), “as declarações do feminismo radical [afirmam que] a pornografia apoia a ideologia androcêntrica e patriarcal, ajudando a manter vigentes ideias que privilegiam a supremacia masculina, ao colocar em cena um ‘corpo feminino objeto’”.

<sup>6</sup> Os nomes das profissionais aqui entrevistadas são fictícios para proteger a sua identidade.

<sup>7</sup> Vale lembrar que a primeira vez que este conceito veio a público, porém de forma restrita, foi num texto manuscrito por estes autores em 1944.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

substituído por *indústria cultural* para excluir a interpretação dos defensores da indústria do entretenimento, de que se trataria de uma cultura que surgia espontaneamente das próprias massas, e não produzida para seu consumo (HORKHEIMER e ADORNO, 1985; ADORNO, 1978)<sup>8</sup>. Destaque-se, no entanto, a necessidade de atualização constante desse conceito, verificando sua potencialidade frente às diferentes expressões da sociedade. A indústria cultural é aqui utilizada como um conceito que nos ajuda a pensar a atuação das profissionais do sexo. Porém, não o vinculamos apenas à indústria de entretenimento ao qual este universo possa pertencer, mas pensamos, de modo especial, que o ato sexual realizado pelas profissionais do sexo guarda inúmeras semelhanças com o processo de atuação dos mecanismos engendrados pela indústria cultural. Em uma palavra, a eterna busca da satisfação negada, na qual a primeira, a *busca*, se torna um fim em si mesmo. Porém, pode-se dizer que na profissão do sexo, a *busca* é tomada como a *mais valia* pelas profissionais, pois condiciona o seu desempenho diante do parceiro ocasional. E a satisfação (o orgasmo ou o gozo do ponto de vista sexual) manifestada passa a figurar como uma possibilidade que fragiliza o produto em diversas dimensões. Em casos mais extremos, danifica o produto, pois pode demandar o compromisso do gozo mútuo, muitas vezes, difícil até mesmo em relações amorosas não coagidas, como por exemplo, no cotidiano da relação marido e mulher. Portanto, em muitos casos, entre as profissionais do sexo, esta satisfação é destinada ao momento posterior ao ato sexual, ou seja, no ato de receber e gastar o dinheiro ganho com o sexo, a princípio, *não satisfatório*. O ato sexual é então “dessexualizado”, em benefício da sexualização (fetiche) do dinheiro que pode trazer o gozo não alcançado no sexo.

Outro aspecto da discussão sobre a indústria cultural que poderia ser explorado é a relação particular que as profissionais do sexo estabelecem com seus corpos. De modo geral, na sociedade em que vivemos, o corpo é coisificado (torneado ou malhado, por exemplo, como se faz com os objetos) para o alcance de uma *mais valia* – a partir do status que essa reificação proporciona pelos códigos de pertencimento social que um corpo “bem adestrado” pode carregar/expor. No caso das profissionais do sexo, o corpo é conscientemente um objeto, na medida em que essa relação não se estabelece de uma forma dissimulada e, sim, imediata. Nas academias de ginástica, por exemplo, a

---

<sup>8</sup> HORKHEIMER e ADORNO, 1985; ADORNO, 1978.



reificação do corpo é estimulada e escamoteada por discursos como a promoção da saúde, ou o elogio do sofrimento por meio da vinculação do exercício físico à “força de vontade” etc. Portanto, se na maioria das práticas culturais a reificação do corpo acontece de modo obscuro, pela paradoxal exaltação desse corpo transformado em coisa, no caso aqui estudado as profissionais do sexo parecem assumir (introjetar) completamente essa reificação, na medida em que esse corpo é explicitamente vendido. Em termos adornianos, pode-se dizer que este processo se configura na manifestação da ‘verdade na inverdade’ das relações sociais<sup>9</sup>.

Pode-se dizer, segundo alguns autores, que o universo da prostituição pode ser considerado como pertencente à *indústria do sexo*. O sexo, neste universo, é o produto que entretém os consumidores, mais comumente chamados de clientes. Se aceitarmos que este universo possa ser considerado entretenimento para adultos, então a *indústria do sexo* pode ser pensada a partir dos mesmos mecanismos estruturantes da indústria cultural. Em outras palavras, ela é a indústria cultural do mesmo modo que a televisão o é. Horkheimer e Adorno (1985, p. 116)<sup>10</sup> afirmam: “para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa”. O universo do sexo, também, está dividido segundo certas funções e hierarquias a serem obedecidas.

Para María Díaz-Benítez (2010, p. 18)<sup>11</sup>, de acordo com o antropólogo Jorge Leite, “se a produção erótica ou obscena dos séculos XVI a XVIII teve como objetivo criticar as principais instituições sociopolíticas, posteriormente surge uma nova maneira de utilizar as representações sobre o campo sexual”. Jorge Leite (*apud* María Díaz-Benítez, 2010, p. 19)<sup>12</sup> afirma ainda que “**o sexo como um produto** e o prazer como uma mercadoria em si não são fatores novos no fim do século XIX”. Esta afirmação se deve ao fato de que, o sexo e o prazer “sempre estiveram **ligados** intimamente à **edificação do capitalismo**. [...] A pornografia [por exemplo] nasce, assim, do discurso obsceno **sob o viés da cultura de massas e do entretenimento**” (grifos nossos).

<sup>9</sup> Para esta discussão, agradecemos à professora Beatriz Albino pela instigada provocação.

<sup>10</sup> HORKHEIMER E ADORNO, 1985, P. 116.

<sup>11</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 18.

<sup>12</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 19.



A ‘embalagem’, ou seja, as características das mulheres profissionais do sexo, ou as das atrizes pornôs, também podem variar de acordo com a preferência do cliente, e se adaptarem na demonstração do permanente processo de subjugação implantado pelo ofuscamento da sociedade ‘heterocapitalista masculinizante’. Em alguns países, na Holanda, por exemplo, esses “produtos” (mulheres) são colocados nas vitrines para que o consumidor tenha melhor visibilidade daquilo que pode consumir. É somente sob o jugo da relação preconceituosa que empreendemos com o *outro*, numa sociedade que tende a escamotear a complexidade das relações humanas no mercado de trabalho desigual, que este tipo de comparação – pessoa e produto – encontra ressonância. Quando se adentram em casas noturnas ou nos locais onde essas mulheres atuam, pode-se tocar em seus corpos para avaliar o “produto” a ser consumido e, se o consumidor quiser, pode pedir o *menu*, ao pé do ouvido, no processo que antecede consumo. Ora, como é sabido, em todo Brasil as “bancas de jornal reservam várias prateleiras para magazines e vídeos cujas capas exibem corpos para diferentes gostos e preferências”, afirma María Díaz-Benítez (2010, p. 11)<sup>13</sup>. A produção de filmes pornôs, por exemplo, guarda estreita semelhança com o sexo quando praticado pelas profissionais do sexo. Assim como o sexo “cenificado” ou performático da indústria cultural, o sexo, neste caso é determinado por um padrão de corpo específico e por uma determinada posição sexual.

A pornografia é encarada como um produto comercial fabricado para ser vendido em resposta à indústria e às demandas dos consumidores. Ela se organiza segundo fórmulas e parâmetros comerciais que se enquadram em um conjunto de signos bastante restritos, respondendo a convenções e estilos que não se destacam, apesar das variações, pela criatividade, muito ao contrário, visam à maximização do rendimento em prol de vendas maciças. Seus esquemas e imagens repetitivas obedecem a um repertório que transita por fronteiras simbólicas aceitas e estabelecidas e, mesmo quando exhibe performances sexuais menos comuns, conservam e afirmam, na maioria das vezes, a estruturação típica das relações de gênero. Nessas representações, também predominam corpos que respondem a gostos e paradigmas hegemônicos de beleza (MARÍA DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 19).

Em alguns casos, pode-se questionar do “produto” aquilo que ele se propõe a fazer e como vai fazer, antes de efetivar o consumo. Aqui existem dois elementos do produto: a mulher e o sexo a ser praticado com ela. Neste caso, a ideia de “produto”

---

<sup>13</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 11.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pode ser ampliada, ou seja, “produto” se aplica tanto à profissional do sexo quanto ao consumidor (cliente). A primeira é a materialização do produto a ser consumido, enquanto a segunda é o produto que proporciona satisfação após o uso. Esta equação é o retrato da complexa relação entre clientes e profissionais do sexo.

A nossa hipótese central neste estudo é a de que, para as profissionais do sexo, o prazer pressuposto ou prometido não é a motivação primeira. Ou seja, o sexo (produto) acaba por se tornar um ato contínuo na busca do prazer (mercadoria) que está fora dele. Muitas profissionais do sexo visam a obter dinheiro e não prazer. Evidentemente esta afirmação não pode ser tomada de forma categórica, uma vez que o processo de ganhar dinheiro pode ser duplamente prazeroso (durante o trabalho que realizamos e depois que obtivermos o dinheiro). Mas, neste caso, é o dinheiro que motiva as ações destas profissionais e não o prazer que o ato sexual pode oferecer. Em certo sentido, o sexo é “dessexualizado”, pois que vinculado ao dinheiro e às mercadorias que ele permite adquirir. A profissional do sexo busca a satisfação em outros campos. Convencionalmente, o sexo pode ser prazeroso, em especial com parceiros amorosos, mas para as profissionais do sexo o seu resultado, o dinheiro, pode oferecer mais prazer tornando-se objetivo último declarado. Isto é, o dinheiro resultante do sexo praticado figura como motivação para a ação, ao menos é o que muitas afirmam.

A profissão de Munike tem uma particularidade que muitas vezes pode incomodar determinadas pessoas; no entanto, para ela a questão do preconceito é encarada de maneira natural. “Acho que o preconceito está dentro de cada um de nós; muitas pessoas têm preconceito dentro delas mesmas”, aponta Munike. (Entrevista).

Sim, muitas mulheres entram na vida noturna motivadas pelo fator econômico, pois nesta profissão o dinheiro aparece na hora. Na pesquisa que realizamos, umas das profissionais destacou: “trabalhar no comércio ou como doméstica, o dinheiro é muito pouco... eu preciso dar comida para as crianças, vestir as crianças, comprar remédios etc.” (Entrevista). A análise apressada da fala desta profissional poderia levar ao equívoco de pensar que ela quer “vida fácil”, “vida mole”, mas na verdade a maioria das profissionais do sexo vem de famílias simples, em alguns casos, de famílias desestruturadas do ponto de vista familiar. As profissionais do sexo são influenciadas, encorajadas a manter-se na profissão para ter um “pão” na sua mesa ou poder comprar roupas de grife e desfrutar do *glamour* da vida de luxo. Outras, que atuam no município de Imbituba-SC, almejam uma mudança da sua condição socioeconômica, o que pode



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ser proporcionado pela profissão. O fato de vivermos numa sociedade sem oportunidades e sem mudanças estruturais pode agravar um pouco mais a situação dessas mulheres. Elas tentam conseguir algo a mais através do sexo, como o dinheiro com o qual podem ajudar suas famílias ou a elas próprias, sem a necessidade de submissão a maltrato simbólico ou factual presente na sociedade e, muitas vezes, para conseguir algo a que todos têm direito: a possibilidade do exercício profissional e o respectivo benefício dos seus resultados.

Atualmente em Imbituba, a moça deixa claro que está “viajando pelo mundo”. Com pouco tempo na vida de profissional do sexo, Mariane conta que “entrou na noite” há cerca de dois meses com o objetivo de ajudar a comprar remédios para filha de cinco anos que na ocasião estava doente. [...] Atualmente Mariane vive em um quarto de bar, não tem mais contato com a mãe, mas envia parte de sua renda (cerca de R\$ 1 500,00 reais por mês) para ajudar no sustento da filha que vive com uma irmã. Para ela é como se eu fosse tia dela... “Tenho uma irmã de 14 anos; então, ela é quem faz esse intercâmbio de comunicação”. (Entrevista).

Diante do constante perigo do contágio de doenças sexualmente transmissíveis (DST), muitas dessas profissionais são atendidas pela Indústria da Solidariedade e Compromisso com a Vida (ISO). Esta Organização não governamental (ONG) atuante há 11 anos na cidade de Imbituba–SC teve a percepção da necessidade de promover um trabalho preventivo, educativo e de cidadania para usuários de drogas e profissionais do sexo (mulheres, travestis e homossexuais). A ISO também realiza trabalhos de conscientização dos doentes de AIDS e oferece um atendimento para os seus familiares.

Assim como acontece com as atrizes pornô, por exemplo, as profissionais do sexo, geralmente, também, não têm boa aceitação em suas famílias.

“[Mariane] Minha mãe me expulsou de casa quando descobriu que estava trabalhando como profissional do sexo”. (Entrevista).

María Díaz-Benítez (2010, p. 11)<sup>14</sup> afirma:

O fato de trabalharem no pornô tem significado para muitas pessoas, especialmente as atrizes, uma violação das expectativas sociais e morais que imperam nos núcleos de referência mais próximos, especialmente suas famílias.

---

<sup>14</sup> DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 11.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Como se pode perceber, esta é uma preocupação constante entre as profissionais do sexo. A atuação profissional, apesar da demanda, é tomada como desvio de conduta inaceitável dentro dos padrões sociais estabelecidos.

Entrei na noite porque tive uma filha aos 15 anos. Hoje ela está com cinco anos de idade, mas minha irmã a adotou; então, na verdade, ela é como se fosse minha sobrinha. Minha filha ficou doente e não tinha como ajudar minha irmã nos cuidados dela. Então, entrei na noite [...] mando dinheiro para minha mãe, que tem câncer; não temos mais contato, mas me preocupo com ela. (Entrevista).

Dentro da instituição ISO, tivemos a nossa ação na forma de observação participante, voltada para a demanda das mulheres, profissionais do sexo. Buscamos perceber outras realidades da vida dessas mulheres, na permanente necessidade de desvendarmos alguns pontos não evidentes na profissão. Ao lado do trabalho de fazer sexo, outras necessidades coabitam, tais como, a de ser mãe, filha e poder sonhar com outra realidade melhor.

**Nataly** tem dois filhos, que moram no Rio Grande do Sul. “São dois meninos; o mais novo tem 4 anos de idade, e o mais velho tem 7”.

Mãe de dois meninos de seis e sete anos de idade e de uma menina de dois, **Priscila** realiza dois ou três programas por noite. Os filhos meninos moram com o pai e a menina vive no Rio Grande do Sul, com a avó.

Mãe de três filhos, hoje com onze, sete e cinco anos de idade, **Carol** vive em um quarto de hotel, juntamente com outras duas colegas. (Entrevista).

A denominação das profissionais do sexo decorreu de uma ampla rede de discussões ocorrida nos Encontros Nacionais das Prostitutas. Tal denominação é compreendida como categoria de pessoas que praticam sexo, tendo em vista um valor em dinheiro ou qualquer outro bem. Portanto, o fim último é pecuniário e não o prazer. Não que este não possa ocorrer, mas, para muitas profissionais, ele está em outro plano ou mesmo em outros momentos.

No mundo das profissionais do sexo também existe espaço para as paixões. Munike assim relata: “Me apaixonei por um cliente, mas ele era estrangeiro; tento esquecer ele, pois sei que não vai dar certo”. Para a mãe de Munike, a profissão da filha é bastante perigosa. “Ela fala para mim (sic) tomar cuidados em caronas, táxis”. A moça trabalha diariamente para garantir a renda de R\$ 1.200,00 a R\$



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

1.500,00 reais por mês. “Aqui em Imbituba os navios são poucos, mas todas as noites, de segunda a segunda, estou trabalhando, mesmo com dor de cabeça, cólica, entro na noite de cabeça firme para trabalhar”. Entre as tantas faces que a profissão esconde, Munike garante que, em muitas noites, ela serve de psicóloga para seus clientes, já que muitos a procuram não por sexo, mas para serem ouvidos mesmo. “Muitos homens conversam, desabafam sobre dificuldades, problemas; e eu, com toda atenção, escuto, aconselho, converso, seguro firme suas mãos; às vezes, os homens só querem carinho, atenção, não sexo”. (Entrevista).

A subjetividade reside no sujeito e não na profissão exercida. A identidade destas profissionais não pode ser reduzida à prática sexual, muitas vezes diária. Portanto, a sua profissão poderia ser valorada nela mesma, ou seja, não se pode esquecer que elas têm uma realidade que vai além da profissão. Neste caso, o pré-julgamento obscurece as histórias que submergem diante da superfície ocupada pela realidade do trabalho. A profissão se torna um invólucro de suas subjetividades retalhadas no seio da sociedade, que também é fragmentária.

O ato sexual, neste caso, pode ser enquadrado nas diretrizes da indústria cultural que, em todos os seus ramos, realiza, segundo cursos planejados (daí o termo *indústria*), produtos adaptados para o consumo.

Na indústria cultural conservam-se, em aparência, também formas de produção individual, uma vez que cada produto apresenta-se como se tal fosse. Esse tipo de individualidade contribui para o fortalecimento da ideologia, na medida em que desperta a ilusão de que o que é reificado é um refúgio romântico no qual há vida. O sistema da indústria cultural orienta, ensina, impondo, sem cessar os esquemas de seu comportamento, nos quais a dependência e a servidão são o objetivo último. Por sua vez, a satisfação compensatória que a indústria cultural oferece às pessoas, ao despertar a confortável sensação de que o mundo está em ordem, frustra-as na própria felicidade que ela ilusoriamente propicia. Dominação técnica progressiva se transforma em meio de tolher a consciência. (ADORNO, 1978).

Em grande medida, o sexo enquanto produto tem em si produzido as demandas para os seus consumidores (clientes). No caso da indústria cultural, esse processo de produção de demandas, os consumidores (clientes) são elemento secundário, não a medida, mas a ideologia da indústria cultural, fazendo com que o consumidor não seja



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

potencialmente sujeito, mas seu objeto. (ADORNO, 1978)<sup>15</sup>. O sexo em si pode ser pensado enquanto processo de busca da promessa (o orgasmo) que não pode ser explicitada. Longe de pensar em generalidades, pode-se dizer que, em muitos casos, essa promessa pode não ser cumprida. Não obstante, o seu cumprimento pode tornar o sexo, com aquela profissional, “obsoleto”. Em outras palavras, para essas profissionais a busca pelo orgasmo como princípio, do sexo “encenado” e performático, poderia abalar a sua atuação profissional. Claro está que isso não pode ser tomado como regra, mas como uma das inúmeras facetas da profissão. Não privilegiar o orgasmo pode até mesmo se tornar um tipo de prevenção, pois evitaria envolvimento emocional com os clientes. Assim como na indústria cultural, o prazer no ato sexual é necessariamente calculado, pois é importante que a promessa seja sempre renovada para a manutenção socioeconômica da profissional do sexo.

A paixão já aconteceu para Mariane, porém a vida profissional falou mais alto e ela já dispensou alguns pretendentes por não ter certeza do que os espera.

Para Munike, o dia-a-dia muitas vezes reserva momentos especiais. A profissional não possui parceiros fixos; porém, considera que às vezes encontra pessoas que lhe trazem alguma alegria. “Há uma semana conheci um filipino; ficamos 12 dias juntos. Gosto de trabalhar com estrangeiros, e já sei até falar um pouco de inglês e um pouco de espanhol, aprendi com os meus clientes”. Munike tem consciência de sua realidade e aprende que não adianta sonhar muito. “Alguns clientes até prometem casamento, falam que vem nos buscar, mas não adianta ficar pensando muito não; muitas vezes é só um sonho, uma brincadeira”. Diante dos perigos e da vulnerabilidade que a profissão carrega, **Munike considera um dos maiores tormentos de sua vida o momento de ir para o quarto, sozinha.** “Minha maior dificuldade é quando vou dormir. Lembro-me de minhas filhas, de minha mãe, de meus amigos, e não tenho com quem conversar... falar. **Olho e só tenho o travesseiro para conversar e ele não responde. Tenho uma gata que adotei, faz duas semanas e é com ela que converso, falo, mas ela também não responde**” (grifos nossos. Entrevista).

No que diz respeito à mulher profissional do sexo, vários estereótipos são atribuídos, tais como: imoralidade, analfabetismo ou pouca escolaridade, famílias desestruturadas, negligência com os filhos, relapsas com a saúde diante da eminência das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), dentre outros. Porém, nem todas as mulheres têm ou tiveram este histórico. Os dados do nosso estudo apontam para um

---

<sup>15</sup> ADORNO, 1978.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

quadro diferente, não no sentido de anular os estereótipos, mas talvez matizá-los ou particularizá-los. Outros estudos também apontam para a existência de mulheres com escolaridade, atentas para o uso do preservativo e cuidadosas com seus filhos, o que, para algumas mulheres, justificava sua entrada em tal atividade. Foi constatado que existem mulheres que atuam na noite, porém estudam curso técnico ou possuem algum nível de escolaridade; outras tantas são mães, esposas, dentre outras tantas identidades em que se pode transitar.

A paixão por cliente não fez parte da vida de Fabiana; segundo ela, paixão mesmo, apenas pelo atual marido. “Hoje sou apaixonada pelo meu marido, que conheci com outras amigas, numa hora de lazer; foi por acaso, tomando uma bebida, e desde então estamos juntos”. (Entrevista).

De acordo com Maria Dulce Gaspar (1985)<sup>16</sup>, os estigmas referentes à mulher profissional do sexo podem estar relacionados com uma perspectiva de comportamento desviante de uma representação da mulher, construída socialmente, centrada no tripé mãe – esposa – dona-de-casa. Entretanto, há que se considerar que os fatores socioeconômicos apresentam-se, na maioria dos casos, como contribuintes para a inserção na profissão. São seguidos pelo término do casamento, abandono da família, dificuldades de integração no mercado de trabalho, segundo dados da pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde e Coordenação Nacional de DST e AIDS (2002).

Djeniffer destaca que possui parceiros fixos, **mas o uso do preservativo é constante**. “Tiro uma base de renda mensal de R\$ 2.000,00, mas nunca me apaixonei por algum cliente; isso é ilusão, é passageiro”... (grifos nossos. Entrevista).

Munike, natural do Rio Grande do Sul, é solteira, **possui o Ensino Médio completo** e tem 29 anos. “Entre na noite com 28 anos para ajudar a minha família, pois trabalhava cuidando de carros, e a renda era pouca; acabei entrando por acaso, e **decidi trabalhar mais com estrangeiros, pois a renda é maior**”. (grifos nossos. Entrevista).

Observou-se que uma das motivações para atuar como profissional do sexo reside na necessidade de mudar a própria realidade, que não se resume à condição socioeconômica. As entrevistas mostram, também, que as condições materiais exercem uma influência primordial na escolha da profissão. Segundo alguns depoimentos, a

---

<sup>16</sup> GASPAR, 1985.



atuação nesta profissão é tomada, por muitas, como algo provisório ou até mesmo como uma fase transitória em suas vidas. Portanto, o trabalho resume-se na resolução de uma situação desfavorável momentaneamente. Na ocasião da realização das entrevistas, foi percebida a importância que algumas profissionais do sexo davam à oportunidade de realizarem cursos técnicos. A necessidade de projetarem uma outra atuação social é incentivada, também, pela pessoa que coordena os trabalhos de algumas das profissionais. A gerente da ONG se alegra pelo fato de as “meninas” estarem buscando algo a mais para elas mesmas.

Juliana afirma: “Decidi sair do meu emprego para trabalhar na noite, pois na noite a renda é melhor, principalmente para quem tem filhos para sustentar”. Juliana é mãe de crianças de dois, oito e onze anos de idade; todos vivem com os avós no Paraná. Em Imbituba ela vive na casa da patroa juntamente com outras duas colegas. “Penso no futuro deles, pretendo trazer eles para morar perto de mim, e buscar uma nova profissão”. (Entrevista).

Outra questão que surgiu nas nossas entrevistas diz respeito às atividades dedicadas ao tempo livre. Algumas dedicam este tempo para descansarem ou dormir. Neste caso, talvez, seja correto pensar que o fato de as pessoas conseguirem “fazer tão pouco de seu tempo livre se deve a que, de antemão, já lhes foi amputado o que poderia tornar prazeroso o tempo livre”. (ADORNO, 1995, p. 77)<sup>17</sup>. Outras meninas utilizam este tempo para realizarem algumas atividades culturais e de lazer como, por exemplo, passear na praia. Como apontamos em outras ocasiões, a partir de Adorno, o deleite cultural, quando compreendido no âmbito do “tempo livre”, ainda parece resumir-se, em última análise, a uma prática revigorante para suportar o sofrimento do trabalho. Por outro lado, deve o tempo livre, provavelmente para que depois se possa trabalhar melhor, não lembrar em nada o trabalho. (ADORNO, 2000, p. 116)<sup>18</sup>. Nesse caso, parece evidente que a atividade realizada no tempo livre em nada deve lembrar o trabalho. Mas, se isso é verdade, em que momento essas profissionais praticam sexo com os seus maridos, namorados ou parceiros amorosos com os quais o sexo não é considerado um trabalho? Ou seja, quando ocorre uma inversão da motivação em que o prazer e a busca evidente pelo orgasmo preponderam sobre qualquer outra motivação?

---

<sup>17</sup> ADORNO, 1995, p. 77.

<sup>18</sup> ADORNO, 2000, p. 116.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Nos momentos de folga, Carol conta que prefere assistir TV e dormir. “Do futuro? Espero coisas boas”. (Entrevista).

Priscila, 22 anos: “Adoro em meus momentos de folga ficar com minhas amigas, vendo TV. Na esperança de meu futuro quero terminar meus estudos e me formar.” (Entrevista).

Nos momentos de lazer, Nataly prefere fazer caminhadas, passeios, ir à praia. “Inclusive eu estava caminhado um pouquinho”. Para o futuro, a esperança é de “coisas boas”. (Entrevista).

## Considerações finais

Verifica-se que a prostituição é multidimensional, com inúmeras facetas nas quais se devem considerar os componentes social, histórico e cultural. Mas, esta profissão, na contemporaneidade, ainda sofre grande influência da construção sócio-histórica baseada em preconceitos sociais e violência praticada pelos próprios parceiros e clientes. Em alguns casos, o desrespeito pela profissão chega a inibir a utilização das ferramentas de proteção básica.

Muitas profissionais se sentem seguras com o preservativo feminino. Porém, algumas delas ainda não têm o conhecimento dele e demonstram estranheza, repúdio alegando que ele é “grande”. O preservativo feminino é pouco comentado nas entrevistas. Alguns clientes coagem as profissionais do sexo para não utilizar o preservativo, violando assim o direito delas à proteção contra as DSTs e AIDS, dentre outras doenças. O risco nesta profissão se torna algo constante, com o qual não se deve acostumar, apesar de estar em permanente vigilância. As profissionais do sexo arriscam suas vidas, tanto do ponto de vista da saúde, como psicológico.

De acordo com Munike, os cuidados com a saúde também são tomados periodicamente em cada relação sexual, através do uso de preservativo masculino ou feminino. “Vou à ginecologista, faço o Papanicolau, exames de HIV e exames de toque em minhas mamas, pois tive uma amiga que, aos 21 anos, estava com um caroço e teve até que fazer uma biópsia”. (Entrevista).

Djeniffer relata que, em sua profissão, o medo é companhia constante. “São vários como: enfrentar a noite, correr risco de pegar doenças, até risco de morte”. (Entrevista).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Durante a pesquisa, com o trabalho socioeducativo realizado com a equipe da ONG, foi percebido que algumas profissionais dão grande importância ao uso de preservativo, especialmente o preservativo feminino. A ISO tem uma grande preocupação com essa medida, que é ainda pouco considerada pela sociedade.

A ideia da Nataly agora é construir sua vida em Imbituba e, se possível, dar outro rumo aos caminhos trilhados até aqui. “Acho que a ISO (Indústria da Solidariedade) é muito importante, pois não é em todo lugar que se tem **uma ONG que se preocupa com as pessoas**” (grifos nossos. Entrevista).

O trabalho realizado junto com a equipe da ISO se voltou para o reconhecimento dessas mulheres, profissionais do sexo, como cidadãs, e primou pelo esclarecimento da importância da prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis. Lidamos com pessoas, independentemente de sua profissão.

A ideia de cidadania, em Adorno, pode ser considerada na medida em que ele discute o caráter alienante que configura alguns trabalhos; e o das profissionais do sexo estaria nesta categoria. Diz Adorno, em relação a ocupações que realiza fora do seu trabalho oficial:

Aquilo com que me ocupo fora da minha profissão oficial é, para mim, sem exceção, tão sério que me sentiria chocado com a ideia de que se tratasse de ocupações nas quais me jogaria absurdamente só para matar o tempo. [...] Sem dúvida, estou consciente de que estou falando como privilegiado [...]; como alguém que teve rara chance de escolher e organizar seu trabalho essencialmente segundo as próprias intenções. (ADORNO, 1995, p. 71-72).

Avançamos, em termos adornianos, ao mostrar como este trabalho das profissionais do sexo é alienante e indicar a necessidade que elas têm de buscar sua desalienação e firmar sua cidadania, entendida como afirmação da subjetividade, de vez que utilizam o corpo em busca de prazeres “externos”. Ou seja, se o cidadão é o indivíduo que sabe cumprir as ordens que regem a sociedade, as profissionais do sexo, ao utilizarem o ato sexual para um prazer *a posteriori*, demonstram certo entendimento das regras sociais. Portanto, isso já indicaria uma internalização da cidadania tal qual é propagada pela sociedade de consumo através da indústria cultural. Em resumo, a cidadania, nestes termos, acaba sendo a capacidade e a possibilidade de consumir. Nesse sentido, devemos buscar mecanismos que possibilitem a afirmação da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

subjetividade para que a cidadania não figure apenas como mais um modo de adaptar-se.

Diante desses pressupostos, ficam as seguintes perguntas: será que no fato de as profissionais do sexo estarem conscientes de que são apenas objeto (sexo), não existiria um elemento que escape à alienação? Será que elas não estariam exercitando uma espécie de cinismo frente aos padrões morais, as ilusões burguesas femininas e masculinas vinculadas ao sexo, enquanto lócus do prazer que reifica a mulher? Na relação que estabelecem com o sexo, não estaria uma inversão ou vitória da mulher que coisifica a fonte do desejo e prazer masculinos, pois são os homens que vão ao encontro destas mulheres e não o contrário, em especial, quando se trata de casas noturnas. Estas questões nos parecem levantar algumas hipóteses que poderiam ser interessantes se levadas a cabo, mas não sabemos em que medida elas têm força. Até por que, a pergunta se essas mulheres são ou não livres em suas escolhas deve ser anterior. No entanto, tal indagação é interdita numa sociedade que tudo submete ao caráter 'heterocapitalista masculinizante'. Seria o possível "cinismo" passível de ser compreendido como uma medida de resistência, ou é somente uma maneira de sobrevivência (psíquica) na adaptabilidade social?

## Referências

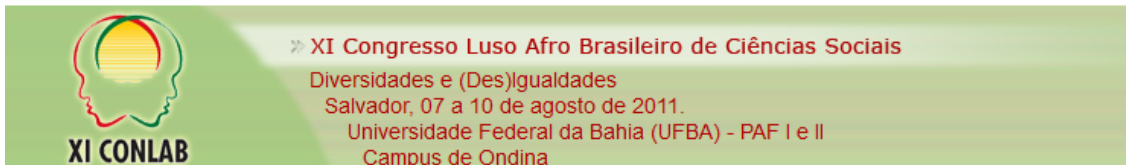
ADORNO, Theodor Wiesegrund. Tempo livre. In: **Palavras e sinais: Modelos críticos 2**. (Trad. Maria H. Ruschel; supervisão de Álvaro Valls) Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. Tempo livre. In: **Indústria cultural e sociedade**. (Trad. Júlia Elisabeth Levy et al.). São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Edusp, 1978, p. 287-295.

\_\_\_\_\_. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Edusp, 1978, p. 347-354.

\_\_\_\_\_. A indústria cultural – o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Indústria cultural e sociedade**. (Trad. Júlia Elisabeth Levy et al.). São Paulo: Paz e Terra, 2002.



COELHO, Marcelo. Embalagens mentem até quando são verdadeiras. In: **Folha de São Paulo**, SP- quarta-feira, 29 de agosto de 2001.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. A literatura sobre prostituição. In: *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

MWEWA, Christian Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez. Indústria cultural e educação do corpo em tempos de globalização no jogo de capoeira: reflexões preliminares. In: **Anais... SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS: IDENTIDADE, DIFERENÇA E MEDIAÇÃO** [CD ROM] Florianópolis: UFSC, 2003.

MWEWA, Christian Muleka, VAZ, Alexandre Fernandez e ACORDI, Leandro de O. Imagens de si na contemporaneidade da capoeira. In: ENCONTRO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 6: SABERES GLOBAIS/FAZERES LOCAIS, SABERES LOCAIS/ FAZERES GLOBAIS. Florianópolis-SC, 2004 (Comunicação).

MWEWA, Christian Muleka. Jamacy e os caçadores de veado. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, Florianópolis-SC, 2008. Editora da Mulher, 2008. p. 1-7. (Comunicação).

\_\_\_\_\_. Arte, reprodução e a globalização deslocada. In: CONGRESSO FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS, Florianópolis-SC, 2010. (Comunicação).

\_\_\_\_\_. Indústria cultural e a educação do corpo no jogo de capoeira: Educação e reificação das subjetividades. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL – TEORIA CRÍTICA, 1., 2004, Piracicaba-SP. **Anais...** Piracicaba-SP: UNIMEP, 2004. CD ROM.

**GRUPO DE TRABALHO - GT 46 - Prostituição e trocas econômico-sexuais no mundo luso-afro-brasileiro**



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina